



WULF, Christoph. **Homo pictor**: imaginação, ritual e
aprendizado mimético no mundo globalizado.

São Paulo: Hedra, 2013. ISBN: 978-85-7715-304-6.

Helmut Renders*

A resenha apresentada a seguir foi escrita em uma perspectiva específica. A obra de Wulf foi-me apresentada por um colega do nosso Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Umesp, o Prof. Dr. Paulo Augusto Nogueira.¹ Desenvolvemos as nossas pesquisas na mesma área de concentração, Linguagens da religião, porém, em linhas de pesquisa diferentes – ele cuida de textos e da cultura do mundo bíblico e intratestamentária, e eu de textos e imagens religiosos da modernidade até a modernidade tardia. Nos últimos anos acabamos explorando especialmente imagens como linguagens próprias que constroem sentidos religiosos, sendo assim performativas para as comunidades que as criaram. Assim li e apresento o estudo de C. Wulf, apesar de não ser antropólogo nem educador, como um investigador, de [sub]culturas religiosas visuais em especial e grupos religiosos em geral, como exercício de aprendizado transdisciplinar.

Resenha recebida em 07 de Março de 2014 e aprovada em 14 de Abril de 2014.

* Doutor em Ciências da Religião. Professor da Universidade Metodista de São Paulo. País de origem: Brasil. E-mail: helmut.renders@metodista.br.

¹ Também agradeço a Editora Hedra que forneceu prontamente o exemplar para esta resenha.

A obra e seu ator

Christoph Wulf é professor de Antropologia e Educação, com ênfase na antropologia histórica e pedagógica e lidera o *Cluster of Excellence* “Linguagens da Emoção” da Livre Universidade de Berlim, FRA. Wulf desenvolve uma antropologia policêntrica, em rejeição de uma antropologia eurocêntrica ou ocidentalista e trabalha, preferencialmente, em projetos internacionais que conectam pesquisadores e pesquisadoras de diversos continentes e países. O significado de “imaginação, ritual e aprendizado mimético” para o desenvolvimento humano estuda o autor desde a sua primeira ênfase de pesquisa em “Lógica e Paixão” que tratou do redescobrimto do corpo e dos sentidos como da “história da alma” inclusive da “inescrutabilidade do sagrado”. Na sua antropologia pedagógica discute a importância de rituais para a construção de coerência de grupos sociais sem reduzi-los aos seus aspectos funcionais, porém, destaca também seus aspectos estéticos, lúdicos e performativos. Rituais ordenam a realidade e possibilitam identificações. Vinicius Spricigo resume a idéia fundamental na sua apresentação:

A globalização política, econômica e cultural implica a sobreposição e, muitas vezes, a hibridização do global e do local, colocando em questão a antropologia cultural entendida como a ciência do “estrangeiro” e pautada no estudo etnográfico e na diferença das culturas, e por conseguinte o eurocentrismo das ciências humanas. Em outras palavras, questiona Christoph Wulf: o que nós, como seres humanos, temos em comum e quais são as nossas diferenças? (p. 9)

Segue o projeto de uma antropologia sincrônica que busca entender e destacar o “em comum”, para fundamentar melhor a convivência em um mundo globalizado. Com as palavras do próprio autor da sua publicação *Lógica e paixão*:

No centro da Antropologia histórica não está a natureza do homem, mas a diversidade histórico-cultural da vida humana. A Antropologia Histórica não é uma disciplina científica, mas, um modo de ver o fenômeno humano; menos o objeto é tema e mais a perspectiva sob a qual eles são trabalhados [...] Suas pesquisas são plurais e transdisciplinarmente organizadas; elas estão hoje no centro da ciência da cultura (WULF; KAMPER, 2002, p. 1103).

O seu livro *Homo Pictor*, primeiro texto maior traduzido para o português brasileiro, representa uma introdução em diversas fases da pesquisa desenvolvida por ele. Ele é organizado em quatro capítulos: 1) Imaginação e *mimesis*; 2) Ritual, gesto e jogo; 3) Patrimônio cultural intangível; e 4) Aprendizado no mundo globalizado.

1) **Imaginação e *mimesis***: A imaginação faz parte da condição humana. Ela é profundamente vinculada à própria humanização do ser humano e ao desenvolvimento do ser humano moderno (no sentido antropológico). Basicamente compreendida como uma representação de uma ausência, ela possibilita o aparecimento do novo, em forma da lembrança do passado como da projeção do futuro. O autor considera especialmente importante para a imaginação os processos da *mimesis* pela “assimilação de um oposto”, seja ele uma pessoa, um outro mundo ou outras idéias. Vistos os processos miméticos e a imaginação como condições importantes do ser humano, o autor consta um

entrelaçamento indissolúvel da natureza física e natural do ser humano. Isso cria nos seres humanos uma artificialidade natural e dependência [do ser humano] da sua própria produção material. Assim diferencia-se a natureza humana de todas as outras formas da vida (p. 14).

Para isso, Wulf parte do exemplo das “imagens dos mortos”, ou seja, do costume das sepulturas do Vale de Neander como expressão de imaginárias de vida após da morte, uma capacidade de transcender seu mundo físico (p. 25-26). De lá surge como derivado a imagem com simulação técnica, representação mimética e presença mágica, ou a presença do divino (p. 29). A imaginação, por sua vez, é uma imagem interior que leva o mundo das imagens à consciência humana (p. 35) em forma de imagens de desejo, de orientação, de intenção, mnemônicas, miméticas e arquetípicas (p. 37-39). O aprendizado cultural deve se entendido em boa parte como aprendizado mimético (p. 52), como “processo de incorporação e atribuição de sentido de produtos culturais. [...] Conhecimento ritual é uma área importante desse conhecimento social prático” (p. 53). Isso cria uma circularidade entre os mundos interior e exterior do ser humano, os quais “assumem similaridades e

começam a se corresponder entre si” que por sua vez criam “vínculos com nosso ambiente social” e “atribuem sentido ao mundo” (p. 59). À artificialidade natural do ser humano corresponde o fato de ele se caracterizar pelos aspectos de ter um corpo (mundo externo), de estar no corpo (mundo interno) e pelo fato de poder perceber, a partir de um ponto de vista não real, externo ao corpo (mundo social) (p. 70).

2) **Ritual, gesto e jogo:** O autor descreve ritos como “as formas mais efetivas de comunicação e interação humana” (p. 89): “Por meio dos rituais, comunidades são criadas e as transições dentro e entre elas são organizadas”. Entende-se como ritual “Liturgias, cerimônias, celebrações, ritualizações e convenções, os rituais religiosos, ritos transitórios de passagem em ocasiões como o casamento, nascimento e morte até os rituais cotidianos de interação” (p. 89). O autor rejeita com boas razões a ideia segundo a qual, nas sociedades modernas com suas tendências de pressionar na direção da individualização e da autonomia da pessoa, ritos se tornariam supérfluos. Em vez disso afirma: “Cada mudança ou reforma de instituições e organizações também requer a transformação de rituais” (p. 90). Concordamos como isso e poderíamos como exemplo citar o campo religioso brasileiro e o imenso número de rituais e encontros recentemente criados. A importância de rituais e a sua força performativa se devem em parte por serem “performances [...] do corpo” (p. 95). Rituais criam comunidades e novas realidades sociais por envolver implicitamente os corpos dos participantes; eles encenam hierarquias sociais e estruturas de poder; rituais transcendem o tempo comum e são assim sentidos como sagrados (p. 102-113). Eles

criam continuidade entre as tradições, as necessidades atuais e os desafios futuros. Mudando a sua encenação e significado, criam um equilíbrio entre tradições, ações presentes e necessidades futuras. [...]

A realização de rituais não é uma simples atividade repetitiva, mas, um ato criativo e social que unifica distintos grupos sociais e que produz ordem social, coerência cultural e que é capaz de dominar o potencial da violência social (p. 160).

Os gestos fazem parte dos rituais, porém, são movimentos de corpo, expressam e representam o indivíduo (p. 122), são reproduzidos pelo aprendizado mimético (p. 122). Eles desempenham um papel importante na comunicação verbal e nas interações sociais e produzem significados com interface no mundo simbólico (p. 123). No final desse capítulo, o autor discute brevemente o “Jogo [como] *mimesis* e imaginação” (p. 141), como forma de ação social na qual pessoas assumem papéis de personagens fictícios para aprender os princípios da organização social existente, como, entre outros, os papéis de gênero (p. 149)

Tendo dito tudo isso, Wulf discute no curto capítulo 3) **Patrimônio cultural intangível** a importância desse conceito como reserva cultural para entender melhor a e conviver melhor com a outridade e alteridade (p. 162ss).

Em 4) **Aprendizado no mundo globalizado** o autor questiona a estrita relação entre educação e a construção de nações e faz ainda a ponte com o tema da sustentabilidade em geral:

Em uma era de globalização, se violência e guerras podem ser evitadas e sustentabilidade pode ser alcançada como objetivo político, isso depende em certa medida de como a diversidade cultural é tratada. A missão da educação transcultural é o contato com o outro e com a alteridade de maneira não violenta. A sensibilidade para a alteridade da natureza e suas fontes incluem a integração da sustentabilidade nas trocas culturais e a redução associada do trato violento da natureza (p. 187).

A edição do livro

Em primeiro lugar parabeno a editora pela publicação desse livro importante. Ele é bem traduzido, bem formatado e tem um preço acessível. Isso faz do título um candidato para a sala de aula.

Somente em dois pontos sugiro uma modificação para futuras edições: Primeiro, proponho rever a tradução de “homem” do provável original “*Mensch*” ou

eventualmente, “*Menschheit*”. “Ser[es] humano[s]” ou “humanidade” representaria uma tradução mais fiel. Segundo, por causa da riqueza do texto, sugiro ainda o acréscimo de um índice de nomes e assuntos. Isso ajudaria em muito o[a] jovem pesquisador[a].

A contribuição para o estudo da religião

Os estudos de Wulf, representados por essa publicação, são inspiradores já pelo fato de serem interdisciplinares desde o início. Em especial, parecem-me importante contribuição para o estudo da cultura visual religiosa, para o estudo de ritos e gestos religiosos, para além de uma leitura mais funcionalista e pelo seu propósito de desenvolver estudos que contribuem para a sustentabilidade.

A importância das imagens e da imaginação na construção do sentido se aplica também à construção do sentido religioso, em sua proposta de construir *per definitionem* um sentido transcendente do cotidiano. Nas pinturas ele exterioriza este mundo construído no seu interior e na contemplação de artefatos religiosos inverte-se o processo. Podemos descrever a religião como parte da “artificialidade natural” do ser humano, do processo de construir sentidos que o mero conhecimento técnico não satisfaz. Enquanto o aprendizado mimético como “processo de incorporação e atribuição de sentido de produtos culturais” é amplamente ocupado pela propaganda da indústria do consumo, criando e atendendo desejos artificialmente, a necessidade de construir sentidos além da lógica do mundo do consumo prevalece. Especialmente quando se fala do horizonte da sustentabilidade, requer-se uma nova visão do limite, inclusive um novo entendimento da morte como elemento necessário da própria vida biológica que se multiplica pela divisão de células.

Ritos são, às vezes, ainda interpretados como fenômenos arcaicos de culturas consideradas primitivas. Como outros, Wulf fala de ritos nos estados modernos e sua dependência deles na construção do novo. Na religião acontece o

mesmo. O catolicismo, o protestantismo e o pentecostalismo brasileiros passam por intensas re-ritualizações, em parte provocadas pelos novos rituais neopentecostais, mas, não só. Alguns dos novos ritos procuram estabelecer novas relações entre as respectivas tradições e a religião contemporânea e pós-moderna. Novas festas, novos formatos de cultos, novos tipos de encontros espirituais são propostos para construir novos sentidos, às vezes para desconstruir antigos, às vezes para relê-los ou revitalizá-los.

Finalmente, projeta o antropólogo Wulf uma dimensão ética na sua ciência que requer também destaque. Ele não quer somente compreender a contribuição da sua disciplina para os desencontros da humanidade – que já seria muito. Wulf quer construir uma antropologia que ajude nos encontros com a alteridade, pela descoberta de estruturas universais do ser humano de lidar consigo e seu mundo, estruturas que nos unem em toda a nossa diferença construída por nós mesmos. Refletir sobre a contribuição das Ciências da Religião para um mundo sustentável representa um grande desafio para uma ciência que se sente, às vezes, às margens da sociedade – e da academia – brasileira. De fato será difícil imaginar o *homo sustentabilis* sem envolver também a dimensão religiosa da sua existência e, já por causa disso, valeria o esforço.

Concluimos que o estudo do dinâmico campo religioso brasileiro, não somente cristão e especialmente em sua relação com a construção da sociedade brasileira, pode se beneficiar em muito lendo Wulf.

REFERÊNCIAS

WULF, Christoph. **Homo pictor**: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo: Hedra, 2013.

WULF, Christoph; KAMPER, Dietmar. (Org.) **Logik und Leidenschaft**: Erträge historischer Anthropologie. Berlin: Reimers, 2002. [Lógica e paixão: Contribuições da antropologia histórica].